

A ARTE DE LER DE ÉMILE FAGUET

Maria Luiza Freitas Assumpção¹
Gleides Ander Nonato²

Resumo:

Este trabalho presta-se a uma análise crítica, filosófica e prática sobre a importância da leitura para a sociedade do século XXI. Considerando-se o que se vê ser crescentemente instalado de modo global, nos âmbitos político e social, necessário é que retomemos a discussão sobre a necessidade da leitura pelos indivíduos atuais e sobre como fazê-la de modo suficientemente eficaz. Em sua obra de 1912, *Émile Faguet é capaz de inspirar indivíduos* dos tempos atuais a refletirem sobre como se deu e como anda sua capacidade de leitura, assim como ensiná-los a retomar a arte da boa leitura, caso necessário. Mais ainda, através de suas construções e críticas, o autor em que nos baseamos primordialmente é capaz de dar elementos aos indivíduos - no caso, leitores do presente trabalho -, para avaliarem sua própria constituição como indivíduos pensantes e atores de sua realidade presente e futura. Sendo este trabalho de cunho científico oriundo do mundo das Letras, visa, portanto, também atingir os profissionais do ensino, responsáveis por facilitar e incentivar a leitura pelos alunos, sendo efetivos contribuintes para a formação de indivíduos e da sociedade como um todo. Assim, mesclando-se ensinamentos - tão atuais - de outros autores importantes como Hugo de São Vitor (de 1127) e Erasmo de Roterdã (de 1529) é que apresentamos este trabalho.

Palavras chave: Leitura. Arte. Indivíduo. Método. Reler.

THE ART OF READING BY ÉMILE FAGUET

Abstract:

This work was thought to be a critical, philosophical and practical analysis on the importance of reading to the XXI century society. Considering the political and social actions being established globally, it is of utter importance to return to the discussion of the importance of effective reading. In his work of 1912, *Émile Faguet is capable of inspiring individuals* of our time - in this case, the readers of this present work - to evaluate their own constitution as thinking and acting individuals, in our present and future. Being this work originated from the Liberal Arts, it is also aimed at the Education professionals, as they are decisive contributors to the formation of individuals and the society as a whole. Therefore, intertwining important - and so up-to-date - teachings of other important authors, such as Hugo of Saint Victor (in 1127) and Erasmus van Rotterdam (in 1529) is that we present this work.

Key words: Reading. Art. Individual. Method. Rereading.

LA ARTE DE LEER DE ÉMILE FAGUET

¹ LLM em Direito Empresarial. Cultura Inglesa Belo Horizonte. 0701marialuiza@gmail.com.
<http://lattes.cnpq.br/3588548250846176>. ORCID: 3588548250846176.

² Orientadora temática do TCC e professora dos cursos de Letras e Pedagogia do Centro Universitário Newton Paiva. email: gleidesander.prof@newtonpaiva.br

Resumen:

Este trabajo ha sido creado como una forma de pensar crítica, filosófica y práctica acerca de la lectura en el siglo XXI. Considerándose lo que se ve creciendo política e socialmente en el globo, se pone necesario retomarnos las discusiones sobre la necesidad de la lectura por los individuos actuales e sobre como hacerlo eficazmente. En su obra de 1912, Émile Faguet es capaz de inspirar personas actuales a reflexionar sobre cómo sucedió y cómo está su capacidad de lectura, así como enseñarlos a retomar la arte de la buena lectura, si es necesario. Más allá, mientras sus construcciones y críticas, el autor en el que nos basamos primordialmente es capaz de dar - en el caso, a los lectores del presente trabajo - elementos para que evalúen su propia constitución como individuos pensantes y actores de su realidad presente y futura. Como sea este trabajo de origen científica del mundo de las Letras, objetiva, pues, también los profesionales de la enseñanza, los cuales son efectivos contribuyentes para la formación de los individuos y de la sociedad como un todo. Así, mezclando enseñanzas - muy actuales - de otros autores importantes cómo Hugo San Victor (en el 1127) y Erasmo de Rotterdam (en el 1529) es que presentamos este trabajo.

Palavras-clave: Leer. Arte. Individuo. Método. Relectura.

Introdução

Iniciemos a análise da obra em questão de forma mais detida e detalhada. Seguiremos a ordem dos capítulos da mesma, acrescentando-lhes outros autores e conhecimentos já publicados sobre o tema, como forma de justificar sua análise nos termos em que se seguem. Faguet (1912), em 1912, inicia sua obra citando, em seu prefácio, Voltaire ((FAGUET, 1912, p.9 *apud* VOLTAIRE, 1747, **Zadig**): *lemos pouco, e aqueles que querem se instruir, a maior parte lê muito mal*. Mais, cita um epigramatista desconhecido do século XIX: "O destino dos homens é este: muitos são os chamados, poucos os escolhidos; o destino dos livros é este aqui: muitos são os mencionados, poucos são lidos."

No mesmo sentido e também em seu prefácio, nos ensina, desde 1129, Hugo de São Vítor que "multi sunt quos ipsa adeo natura ingenio destitutos reliquit ut ea etiam quae facilia sunt intellectu vix capere possint [...]" , e que destes, quatro tipos de pessoas podem ser extraídos: 1) aquelas que, apesar de conscientes de sua estupidez, se esforçam muito e chegam ao conhecimento (aqueles que não sabem); 2) aquelas que, vendo-se incapazes de compreender aquilo que seja mais complexo, passam a ignorar e desprezar também o menos complexo, perdendo a luz da verdade nas realidades máximas ao mesmo passo que repelem as mínimas que poderiam aprender (aqueles que não querem saber), concluindo com o Salmo

36, 4: "Não quiseram aprender, para não terem de agir corretamente.", elencando este último tipo como uma efetiva perversão da vontade; 3) aquelas que, apesar de terem um acesso mais fácil ao conhecimento e bastante inteligência, não têm em si desperta a virtude de cultivar o conhecimento pelo exercício e pela instrução natural, por focarem apenas em seus negócios, preocupações, vícios e prazeres sensoriais/ócio, deixando, assim, de extrair o fruto da sabedoria e a recompensa das boas obras em sua breve existência, sendo elas outra forma de enterrar o talento de Deus sob a terra (Mt 25, 18), sendo pessoas essencialmente detestáveis; 4) aquelas às quais lhes sejam escassos os recursos mas que, apesar de vivenciarem a fome, a sede ou a nudez, encontram meios de aprender.

Continuando seu ensinamento, VITOR (2018) nos diz que o conhecimento é formado pela leitura e pela meditação, sendo essa, uma arte. O que nos confirma Faguet (1912, pp.9-11), dizendo ser a leitura uma arte que se define de acordo com o próprio objetivo a que se propõe e que, portanto, ler seria uma atividade que poderia se propor ao lazer, ao julgamento ou para nos instruir, mas em qualquer caso, deve ser feita lentamente. Para este fim último deve ser lenta e envolver anotações sobre tudo o que de novo nos é ensinado, devendo ser tudo isso, depois, relido, de forma séria e meticulosa, ainda que o único prazer obtido seja o de estarmos mais instruídos ao fim de nossos esforços. Se com o fim de julgar obras, deve envolver não apenas anotações, mas também, fichamentos - quanto à disposição do texto, ao seu plano, à forma como o autor leva a cabo suas ideias, seus relatos ou ainda, como as mistura, sobre o estilo, a língua, sobre as invenções e sobre as novas ideias, de forma a reunir elementos suficientes para a elaboração de uma crítica literária plausível, sendo tal ofício para este tipo de leitor um 'prazer muito particular, entremeado de muita aridez'.

Corroborando a tudo isso, diz Roterdã (2020), nos idos de 1529, em carta ao professor de Artes Liberais Pierre Vitré, que seria de extrema importância o método e a ordem com os quais nos lançamos a qualquer coisa, em especial, aos estudos das 'belas-letas':

Acaso não vemos que, se empregares a tecnologia, pesos enormes são levantados com um mínimo de esforço e que de outra forma não poderiam mover-se por nenhuma força? Do mesmo modo, também na guerra não importa com quantas tropas e com quanta força atacas o inimigo quanto

com quão bem alinhado exército, com que planejamento e com que ordem começa a batalha. (ROTerdã, 2020, p.107)

Continua, citando Plauto, que diz serem as pessoas obrigadas a percorrer um caminho incerto, tortuoso, até o mar, seguindo os rios de suas 'aventurosas andanças', se não souberem os atalhos ou o menor percurso para se chegar, em respeito aos ensinamentos de Pitágoras, quem se preocupava com tal submissão à opinião do vulgo (pensamentos ou opiniões sustentados amplamente por muita gente sem grandes considerações), considerando-nas efetivas contaminações (Roterdã, 2020, *ibidem*).

"Ah! Esses homens do século XVII! Como sabiam o latim! Como liam devagar!". A partir dessa citação (FAGUET, E., 1912, *apud* FLAUBERT, p.13) nos introduz em seu primeiro capítulo à necessidade de que, para se aprender a ler, a primeira coisa a ser feita deve ser ler-se devagar, desde o primeiro até o último livro que tenha a honra de ser lido por você, tanto em prol do prazer da leitura em si quanto para que permita ao indivíduo a sua instrução ou a crítica da obra (FAGUET, 1912, pp.9-10).

"É mesmo o texto? Não há *ergo* ao invés de *ego*, e *ex templo* em vez de *extemplo*? Isso faria toda a diferença", citação trazida também por FAGUET(1912, p.13), oriunda dos filólogos, que sempre tiveram por princípio ler devagar e desconfiar do primeiro sentido que veem nas coisas, de não se abandonarem, de não serem preguiçosos e de não se precipitarem na leitura, nem mesmo sendo ela lírica. Quanto à precipitação, ressalta ainda que a dita "leitura com os dedos" dariam a estes mais trabalho que aos olhos, pois que esses folheariam os escritos sem os apreciar, caindo sempre sobre o essencial e curioso de cada livro, como que em uma atitude de caça, de colecionar ideias (FAGUET, 1912, p.14).

Realça, ainda, FAGUET (1912) que a velocidade da leitura implica até mesmo em se saber quais os livros não devem ser lidos, pois que, se um livro não permite seja usada uma leitura vagarosa, este mesmo não deve ser lido, pois que não foi feito para o ser.

Conclui, por fim, seja o 'ler devagar' a arte de ler em sua essência, e que existiriam artes de ler devagar de acordo com os tipos de obras que possamos encontrar.

A este ponto, passaremos aos métodos de ler, estudar e interpretar os autores. Começemos pelo que nos ensina ROTerdã (2020). Este divide o conhecimento em duas

partes - o conhecimento das coisas e o das palavras. Este, o que vem primeiro, mas esse, o mais importante. Diz ele:

[...] enquanto alguns se apressam em aprender as coisas com os pés sujos (expressão grega que significa, metaforicamente, falta de preparo), como dizem, negligenciam o cuidado com a linguagem e, tendo ambicionado mal uma vantagem, incorrem em um enorme prejuízo. Com efeito, visto que não conhecem as coisas, senão por meio dos sinais das palavras, quem não conhecer a fundo a essência da linguagem necessariamente será míope, enganar-se-á e delirará a cada passo também no juízo das coisas. Por fim, verias que não há ninguém mais sofisme por toda a parte sobre ínfimas sutilezas verbais do que os que se vangloriam de deixar de lado as palavras e contemplar a realidade em si. (ROTerdã, 2020, p.35)

Ainda em seu prefácio, VITOR (2018) nos ensina que, para começarmos a ler, devemos ter em mente três preceitos: saber o que vamos ler, saber em que ordem devemos ler - ou seja, o que vem antes e o que vem depois - e como devemos ler.

ROTerdã (2020) nos instrui que, sendo assim, as gramáticas - latina e grega - deveriam ocupar o primeiro lugar na ordem dos conhecimentos das palavras, pois que seriam capazes de ensinar às mais tenras idades quase tudo o que já foi digno de ser conhecido. Justamente tomando em conta tais origens, Vítor (2018) toma como primeiro ensinamento a 'origem das artes', em seu capítulo primeiro, explicando o que são e a diferença entre Sabedoria e Filosofia.

Sabedoria, nos ensina (VITOR, 2018, 26-33), é a mais importante coisa a se almejar, pois que capaz de iluminar o homem para que ele conheça a si mesmo, impedindo-o, inversamente, de "se rebaixar ao mesmo nível das outras criaturas" por não perceber sua possibilidade de superioridade intelectual e espiritual em relação a elas. A mesma máxima já conhecida e escrita no tripode de Apolo: "*gnothi seauton*" ("conhece-te a ti mesmo"). Outro consenso entre os filósofos seria a de que seria a alma composta por todas as partes da natureza, exaltada por Platão em seu *Timeu*, no qual formula serem a forma do universo, a essência da alma do universo ou a essência da alma humana (enteléquia) compostas por uma substância divisível, uma indivisível e uma que seria a mistura das duas, o que faria com que o homem seja, em si, um pequeno microcosmo. Esta enteléquia captaria, pela inteligência e

pela percepção dos sentidos, as causas invisíveis das coisas, trazendo a mente, por si mesma, tudo o que há no universo através da semelhança entre ela e o objeto. Isto, o que provaria nada haver no universo que seja totalmente estranho ao homem, o qual teria, ainda que de modo muito distante ou ínfimo, um ponto de identificação que lhe renderia a semelhança necessária para sua compreensão. Todo o extrínseco pode ser captado e impresso em uma mente, todavia, aquilo que a própria mente produz tem o valor e a importância mais elevada, pois modificam a essência do próprio indivíduo por mérito e virtude deste próprio.

Quanto à Filosofia, nos ensina VITOR (2018, p.35) que Pitágoras denominou a busca pela Sabedoria de filosofia, justamente por estar sempre em busca da sabedoria, aquela que abrange as coisas que são verdadeiras e imutáveis em substância enquanto seus contemporâneos continuavam a ser chamados de *sophos* (sábios, ou seja, aqueles que detinham a sabedoria). A Sabedoria pura seria aquela que de nada carece, cujo amor seria a iluminação do espírito inteligente, em um chamado e retorno a si, o que reconduziria a alma à sua própria força e pureza natural.

Mais detalhadamente, VITOR (2018, pp.37-41) elenca três potências da alma, vejamos. A primeira diz respeito à existência, ao crescimento e à nutrição, sendo a faceta que permite que corpos nasçam e persistam em seu desenvolvimento físico, de modo que o mesmo possa sobreviver, como acontece com quaisquer ervas, árvores ou outro ser que esteja fixado à terra desde a raiz. Já a segunda "*vero composita atque coniuncta est, ac primam sibi sumens, et in partem constituens varium de quibus potest capere, ac multiforme indicium capit.*" (é composta e conjunta: assume a primeira em si mesma, e alcança um discernimento multiforme das várias coisas que pode captar sensivelmente), como todo animal que, além de dispor de seus sentidos, se nutre e cresce. Por fim, a terceira potência da alma é aquela que "traz consigo o crescimento corporal e dos sentidos" mas que se constrói inteiramente na razão ou realiza-se na dedução das coisas presentes e sólidas ou das ausentes, assim como na busca pelas desconhecidas. Ela se constrói pelo palpável aos sentidos, assim como pela imaginação, de modo que possam os seres humanos exercerem seu discernimento moral

[...] investiga se a coisa em questão existe, e, se for confirmada sua existência, pergunta-se o que ela é. Se já possui pela razão o conhecimento desses dois

pontos, investiga como cada coisa é, e procura conhecer nela outras manifestações de acidentes. Conhecido tudo isso, questiona por que é assim, e pela razão procede na investigação. (VITOR, 2018, p. 41)

Portanto, cabível é dizer que o juízo dos animais brutos é regido apenas por emoções, pelas paixões dos sentidos segundo suas inclinações e não utiliza o discernimento da inteligência ao seguir um apetite ou fugir de alguma coisa, e sim, é impelida pelo desejo cego da carne, restando à alma racional apenas não ser arrebatada pelo apetite cego, mas proceder sempre pela Sabedoria moderadora. (VITOR, 2018, pp.41-43) Ponto este, em que adentra a Filosofia mais uma vez, de modo a estudar a razão de todos os atos ou inclinações humanas, como ensina, mais pormenorizadamente, Garrigou-Lagrange, ao dissertar sobre os quatro tipos básicos de temperamentos e seu reflexo na composição e no desenvolvimento dos indivíduos – o que, frisamos, não são características imutáveis, podendo ser modificados pela razão e pelo esforço diário e constante de cada um.

ROTerdã (2020, p.118) nos ensina que, para adquirirmos a verdadeira habilidade de falar, devemos nos basear não apenas no convívio com pessoas que o façam mas, principalmente, na leitura constante de autores eloquentes. Primeiro, aqueles que despertem no leitor-aprendiz o encanto necessário ao assunto, sempre dividindo-se as obras em leituras de construção de pensamento e aquelas poéticas, de modo que os indivíduos possam adquirir a habilidade da linguagem, ao mínimo, correta, para depois, então, buscarem a leitura que lhes leve ao conhecimento das coisas.

O mestre ROTerdã (2020) traz a obrigação de que, quem venha a ensinar, tenha um conhecimento enciclopédico no sentido clássico (*enkyklios paideia*), ou seja, que tenha conhecimento das sete artes liberais, sendo necessário vaguear por todos os autores, começando dos melhores mas passando até pelos que não sejam muito bons (ROTerdã, 2020, p.114). Todavia, que assim o faça usando de tópicos, categorias e fórmulas, anotando tudo o que lhe ocorrer na devida categoria. VITOR (2018, p.53) acrescenta o antigo provérbio “A necessidade engenhosa gera todas as artes”, pois que obras de excelência puderam ser construídas a partir da contemplação humana da natureza – pinturas, tecelagens, esculturas, fundições...

A partir da observação, pode-se construir as ciências da teórica (aquela que se ocupa da especulação da verdade), a prática (que considera a disciplina moral) e a mecânica (aquela que trata das atividades inerentes a esta vida) mas, para que as mesmas fossem discutidas, fez-se necessária a construção da lógica, a qual envolveria, por sua vez, “o modo de falar justa e verdadeiramente” (discursar com retidão e disputar com precisão), ordenando-se “os modos de se disputar e os caminhos para discernir os próprios raciocínios, para que se possa conhecer qual raciocínio é verdadeiro, qual é falso momentaneamente, qual é falso sempre e qual nunca é falso (VITOR, 1129, pp.57-61).

Antes mesmo da existência da gramática, os indivíduos já escreviam e falavam; antes da dialética, já discerniam e raciocinavam sobre o verdadeiro e o falso; antes da retórica, já tratavam de direitos civis; antes da aritmética, já conheciam os números; antes da existência da música, já cantavam; antes da geometria, já mediam campos; antes da astronomia, já captavam a divisão do tempo pelo curso das estrelas. E, a partir da prática, vieram as artes. (VITOR, 1129, p. 57)

Sendo assim, podemos dizer ser a lógica o ponto de partida de todas as artes.

Passemos agora à análise dos tipos de leitura trazidos por FAGUET (1912). O autor nos ensina que, a seu ver, a arte de ler livros é uma arte de comparação e de aproximação contínuas. Exatamente aquele jogo de simbioses, em que, encontrando em um elementos similares de outro, podemos conjugá-los como pares ou antíteses.

Parte o autor, então, para os livros das ideias. Sendo o homem um ser de ideias, ele jamais conseguirá dizer tudo o que almeja de uma só vez, precisando avançar na leitura para se completar e se iluminar aos poucos. Mais do que isso, ele precisa levar em conta o que leu ontem para entender o que lê hoje, sem deixar de bem compreender o que lê hoje para compreender bem o que leu ontem. Exatamente assim, poderá o leitor entender quais foram as ideias-fonte do autor, ou aquelas que desta saíram, ou aquelas que foram construídas ao fim, como consequências ou como síntese de muitas ideias particulares, ou ainda, aquelas que teve ao longo de sua carreira intelectual e que produziram muitas outras ideias particulares (FAGUET, 1912, pp. 15-16). Ensina-nos, portanto, que ler um filósofo é compará-lo a ele mesmo, observando o que lhe é sentimento, ideia sentimental ou ainda, a mistura de ambos, a qual denomina ideia ideológica, a qual resume ser 'o resultado de uma lenta acumulação, no

espírito do pensador, de ideias puras ou quase puras. Mas que também devemos nos atentar às suas eventuais contradições que, ao invés de empobrecer seu trabalho, marcam-no como evolutivo (pois que o autor demonstra nem sempre ter pensado da mesma forma), inovador (por não ter o autor o retirado todas as suas ideias umas das outras como numa fórmula matemática) e fecundamente excitante. Como exemplo, FAGUET (1912, p. 18) dá-nos Montesquieu, que odiava o despotismo e que, apesar de não gostar da religião católica, entendeu, ao final de sua caminhada intelectual, que a religião é uma das melhores coisas num Estado bem construído. O mesmo autor, que cunhou a ideia geral de que os ambientes influenciam os temperamentos, os costumes, as ideias e as instituições seria, portanto, materialista ou fatalista quanto às legislações? Diz-nos FAGUET que, como sustentou Montaigne (FAGUET *apud* MONTAIGNE, 1912, p.19), Montesquieu teria certamente entendido que a fatalidade nos devora, mas que o espírito humano pode reagir contra ela, assim como podem as leis definirem nossos costumes, os quais combaterão nosso ambiente - ainda que para nosso mal. Tais conclusões podem ser obtidas, afirma FAGUET (1912), apenas quando realmente relemos um filósofo, de modo muito, muito atento, ao ponto de o analisarmos, e não apenas pararmos frente às ideias iniciais que obtemos de seus escritos.

Com os filósofos, a leitura é uma esgrima em que, tomadas algumas precauções que indicamos, o espírito recobra incessantemente novas forças que podem ser úteis de todas as maneiras e que, por si mesmas e pelo único prazer de possuí-las, valem que as possuamos. (FAGUET, 1912, p.26)

Deixa claro o autor, portanto, que, ao ler os filósofos, estamos nos expondo a uma discussão positiva contínua com o autor, e que estamos em busca do prazer: o prazer de pensar, ao acompanharmos o pensamento desses, juntamente ao nosso próprio pensamento, mesclados, um incitando o outro, o deles incitando o nosso e o nosso interpretando o deles - e até os traindo, em uma "libertinagem inocente".

FAGUET (1912, p.27) nos pede, quanto aos livros de sentimentos, que nos abandonemos, antes de tudo. Os autores que a este tipo de escrita se dedicam buscam mais inspirar do que retratar sentimentos, semeando-os como os filósofos semeiam ideias. Assim que, se não nos toca o autor, deixemo-no de lado; mas, se nos toca, ainda que apenas um

pouco, que não resistamos àquele romance ou poesia, passando a vivermos nas personagens apresentadas e lugares descritos pelo *magus*.

As jovens operárias que leem os romances baratos são somente capazes do entusiasmo do primeiro momento, daquilo que chamei de "abandono"; o segundo momento existe somente para os que são mais velhos, e que são dotados de certa faculdade de observação e de memória. Mas estes últimos saboreiam os prazeres muito mais vivamente, sendo ainda capazes de se abandonar, sendo, sobretudo, capazes de comparar o romance com a vida e de experimentar sensações de admiração muito viva quando percebem que o romance copiou a vida com precisão ou a deformou de maneira a mostrar mais vigorosamente seus traços característicos. (FAGUET, 1912, p.29)

Assim como já nos ensinou VITOR (1127), o homem é um microcosmo em si mesmo, sendo capaz de escrever e aprender sobre todos os vícios e virtudes por meio da observação de si mesmo. Exatamente esta auto-análise psicológica, de exame de consciência, é o que se exige para que sejamos bons leitores desse tipo de escrita. Justamente por ser a literatura feita daquilo que sabemos, do que aprendemos e do que não aprendemos porque já o sabíamos, assim como do que sabemos melhor depois de sua leitura, a ficção só teria real valor para nós, diz FAGUET (1912, p.30), se inundada de realidade, e que esta se tornaria infinitamente mais interessante ao ser revisitada após vivenciada a ficção.

Mais do que apenas escritos, ensina-nos FAGUET (1912, p.34) que por meio desse abandono podemos compreender também a pintura, a escultura, a arquitetura e a música, pois que a própria literatura seria "a pintura de nossa alma e de nossos costumes com certo exagero sábio", que termina por criar personagens de exceção que, todavia, continuam reconhecíveis e controláveis pelo leitor, pois que, nas palavras de Sansão, citadas pelo autor: "É sobretudo no excesso que é preciso medida.", pois seria necessário ao menos um fundo de verdade geral para que sejamos persuadidos. Encaixam-se, então, aqueles livros que se passam em cenários muito diferentes da média, que possuem personagens muito estranhos ou fora da média social do leitor, a um tipo de leitura *sui generis*, sem nos dar pistas sobre como lê-los, já que seriam 'puras obras de imaginação', aos quais leitores recorreriam para "sair da rotina". Ressalta FAGUET (1912), entretanto, que se tal for o objetivo, que os leitores recorram, com melhores ganhos, a outra arte que não a literatura.

O que nos faz levar uma vida diferente da que vivemos não é nem a literatura tão romanesca e poética quanto possa ser, nem a pintura, nem a escultura; é a arquitetura e a música, por assim dizer, nos dois pólos da arte. A arquitetura que, não importa o que se diga, não copia nada e é, somente, a combinação de belas linhas abstratas tiradas de nossa concepção íntima e pura de belas linhas, e a música, que nada copia e tão-somente pinta e sugere os estados da alma. (FAGUET, 1912, p.34)

A este ponto, traz-nos FAGUET (1912) a ideia de que, mais do que todos os tipos de leitura possíveis dentro do estilo 'sentimentos', pode-se resumir todas elas no estudo do porquê de ser um leitor dos gêneros específicos aqui abrangidos. Exemplifica: aquele que busca apenas narrações é apenas um narrador de si mesmo, que pouco raciocina, nunca reflete e que ignora o arrependimento e que, apesar de amável -e até agradável -, se faz inútil (FAGUET, 1912, p.35).

Já aquele que busca apenas romances realistas (FAGUET, ibidem) é justo, reto, ponderado, tem bons olhos e bom raciocínio, se enganando pouco ou nunca, e se saindo bem na vida. Estes, raros, sempre abrilhantados por algum fator quase mágico que retira dos dos autores realistas a verossimilhança inicial presumida. Outro fator preocupante das leituras atuais. Em seguida, o autor nos afirma que os leitores de realismo puro não são tão bons, pois que acabam sempre por entender que o autor não teria sido sombrio ou vigoroso o suficiente em suas críticas à baixeza humana (FAGUET, 1912, p. 35). Por fim, tece o autor sobre leitores de poesia: indivíduos que, apesar de deterem uma 'alma nutrida com mel de Himeto', creem conhecer as regras, como que pertencentes a uma 'franco-maçonaria' e que, por isso, são desdenhosos e 'desprezam aqueles que leem notícias, livros históricos ou práticos'. São como músicos que se tornam esnobes ao achar serem os únicos a entender alguma música, sentindo-se diferentes de um burguês e agindo como verdadeiros nobres e, ainda que digam abraçar causas nobres, são aqueles indivíduos que jamais se sentem saciados em sua vida e que, portanto, querem dela o máximo de distância possível. Contudo, conclui, são exatamente aqueles que gostariam de jamais passar desta vida.

Por meio da leitura, nos ensina FAGUET (1912), é que não se pode tomar o falso pelo verdadeiro, e que as sonoridades e as manobras dos atores se tornam mais ou menos eruditas por uma ideia ou um sentimento. Cita, então, o depoimento de La Bruyere:

Certos poetas estão voltados ao drama, a longas sequências de versos pomposos que parecem muito elevados e repletos de bons sentimentos. O povo escuta avidamente, os olhos elevados e a boca aberta, crê que isso o apraz e, à medida que compreende menos, admira mais; não há tempo para respirar; há apenas o de ovacionar e aplaudir. Acreditei outrora, na minha juventude, que esses lugares eram claros e inteligíveis para esses atores, para a plateia e o anfiteatro; que seus atores se compreendiam e que mesmo com toda a atenção que eu dava a seu relato, estava errado de nada entender; enganei-me. (FAGUET, 1912, p.43 *apud* BRUYÈRE, 1688, **Les Caractères** - Des Homme)

E conclui: "La Bruyère deixou de se enganar, sobretudo, lendo." (ibidem).

Sobre as peças de teatro, FAGUET (1912, p.44) as divide em quatro tipos: aquelas de qualidade superior que, nas mãos dos atores, são meramente deformadas e degradadas (ou seja, todas as grandes obras primas clássicas); aquelas medianas ou um pouco acima da média, as quais FAGUET (1912, p.44) diz ser 'um elogio dizer que podem ser lidas'; as terceiras, muito numerosas, que são, em verdade, valorizadas pelo trabalho/talento dos atores; e as quartas, as mais numerosas de todas, feitas e atuadas pelos próprios atores - ou, ainda, escritas para um determinado ator ou atriz -, não sendo escritas para serem lidas, não são feitas para o leitor, sendo obras de arte condenadas, conforme ensina FAGUET (ibidem). Aqui, ressalta o autor (FAGUET, 1912) um ponto muito, muito importante: para que alguém consiga ler uma peça de teatro, isso requer tanto uma maneira muito particular de o fazer, assim como a frequência do leitor ao teatro. Pois, diz o autor (FAGUET, 1912, pp. 44-45) precisamos *ver* a peça que *lemos*, vendo os atores que entram e saem de antemão, se se agrupam ou se têm esta ou aquela atitude, ou se se dirigem a este ou ao outro, devendo o leitor ser capaz de literalmente ouvir as falas e suas réplicas, como se estivesse sendo a peça efetivamente apresentada. Algo ao que se habituaria natural e rapidamente após algumas idas ao teatro; e a única desvantagem, completa o autor, seria nos acostumarmos a "ver ou rever", de nossa confortável poltrona, o que teríamos de buscar em teatros quentes e incômodos.

Assim sendo, FAGUET (1912) passa a minúcias, começando pela tragédia grega, a qual seria uma ópera. Já a tragédia francesa, apesar de se inspirar na grega, tem uma analogia com a ópera - "por não se preocupar com os agrupamentos tríades calculados e naturais, mas por ter os trechos líricos que admite ter" (FAGUET, 1912, p. 46). Diferentemente da comédia, na qual não há a preocupação artística e estrutural das outras duas.

Contudo, em todo caso, o leitor precisa estar habituado a vê-las, prestar atenção às entradas e saídas dos atores, em seus movimentos, atitudes ou gestos, e jogos de fisionomia que suas palavras permitem imaginar, em um jogo de sentar-se e levantar-se, ao que deve se atentar o leitor, para que consiga reconstituir o que fariam os atores, sem o que tal leitura passaria de nada a não ser de falas soltas e de pouca expressão. O mesmo que se pode dizer de peças bem-feitas e malfeitas: *essas, podemos ver; estas, não, conforme* ensina o mesmo autor (FAGUET, 1912, p.50).

FAGUET (1912), ao chegar a este tópico, considera a divisão clássica - os épicos, os elegíacos e os líricos -, os quais devem ser lidos de modos diferentes, mas sempre da voz baixa à voz alta/meia-voz - primeiro para se compreender o que dizem, depois, para compreender o número e a harmonia do que dizem. Interessante ressaltar a breve observação que faz o autor de que "a maioria de nós, por hábito, quase que só compreende a metade do que dizemos em alta voz" (FAGUET, 1912, p.59), e segue sustentando que

Essa leitura se apoia antes de tudo na pontuação. [...] A pontuação não é menos importante para o número quanto para o sentido, e eis a razão por que uma falta de pontuação coloca os autores, e particularmente os poetas, em desespero. (FAGUET, 1912, *ibidem*)

Lembremos: cada vez mais, através de uma linguagem de comunicação instantânea, ou da raridade de momentos em que (boas) leituras são feitas, muitos deixaram de se preocupar em usar a pontuação correta, ou pior, nem mesmo a aprenderam, sejam eles de qual grupo social, cultural ou profissional forem. Basta que uma pessoa que saiba as regras de pontuação lance mão da parte majoritária dos trabalhos, provas, escritos, petições etc para que possa atestar que esta é a realidade. Mais ainda, ousamos, é possível fazê-lo em qualquer outra língua ocidental, orientada pelo sistema de pontuação, pois que esta se mostra ser a realidade global - o mundo tem se preocupado pouco (ou nada) com tais normas e dado espaço a aberrações que se tornam ininteligíveis, o que, por sua vez, não apenas demonstra imperícia, mas como também dificulta ou até impede a comunicação, fazendo de nossa realidade diária algo ainda mais difícil, temeroso e violento, pois que incompreensível na maioria das vezes.

Segundo sua linha de raciocínio, FAGUET (1912, p. 73) nos ensina que existem tipos diferentes de admiradores de autores que não são compreendidos nem à primeira leitura, nem à segunda - *ad esempio*: Licofrão de Cálcis, os Maurice Scève, os Mallarmé -, e por tal, chamados de escritores obscuros. Como espelhos embaçados, ou vestimentas que possam ser usadas por qualquer um, tais textos permitem que o leitor enxergue neles o que quiser, o que sonhar enxergar. O primeiro tipo de admiradores envolveria aqueles que pretendem compreendê-los, os maníacos intelectuais,

[...] fanáticos, sua admiração sendo feita da admiração que têm por sua inteligência e pelo desprezo que têm pela inteligência dos outros. Estes são iniciados. Têm toda a soberba e toda a intransigência dos iniciados nos mistérios. (FAGUET, 1912, p.73).

Dentre eles, os que realmente entenderam alguma coisa (ou seja, por ser o texto impenetrável, os que o disseram entender deram a ele um sentido, um pensamento ou algo análogo) e aqueles que, apesar de saber não terem entendido o que leram, fingem entendê-lo, para serem reconhecidos como seres de inteligência superior, por mera vaidade. A estes um texto simples e claro é motivo de limitação, já que não os permitiria imaginar, usar de várias formas de interpretação - noutros termos, seria o texto obscuro um pretexto para a imaginação, e não a fonte para a mesma, ao arrepio dos ensinamentos de descarteanos. Emblemática a passagem do autor, em nada destoante do que podemos encontrar em qualquer corredor acadêmico:

Vejo tal autor ao qual me dedico, mas não compreendo literalmente nada, e vejo que jovens, mulheres e crianças o compreendem perfeitamente, até assegurarem que tudo o que o autor diz pouco os impressiona e que tinham pensado nisso antes dele. (FAGUET, 1912, p.75)

O segundo grupo seria daqueles "muito sinceros e desinteressados, os verdadeiros devotos desse culto, numerosos, que só podem admirar o que não compreendem", como que 'por disposição de espírito, atraídos pelo mistério, pelo abismo, numa doce vertigem, "em um estado de alma muito conhecido - o de apreciadores de ciências ocultas". (FAGUET, 1912, p. 76).

Só admiro o que não entendo, o que me sinto incapaz de compreender, e me parece que é natural. O que compreendo, me parece que, salvo o estilo, salva certa desenvoltura que não tenho, o faria. Então não admiro, não aprovo. Não admiro, eu o reconheço. Não me encanta, aumenta em mim uma luz que eu já tinha. O que eu não compreendo me ultrapassa e, por consequência, se impõe a mim. Me intimida. Me dá um pouco de medo. Eu o admiro. Há em toda admiração um pouco de terror.[...] Na verdade, esse trabalho de Proteu dos autores difíceis, nesse *noli me tangere, noli me intelligere*, é muito vão,

já que serão compreendidos, adotados, ao menos "tocados" por aqueles - precisamente, a maioria - por quem temem ser entendidos e dos quais temem o contato, isto é, pelos idiotas; e são os que compreendem pouco que correm direto às coisas mais difíceis de se compreender. (FAGUET, 1912, pp.75-76)

Contudo, ressalva nosso autor (FAGUET, 1912, p.76-77) que, ainda que como pessoas comuns e que queiram apenas se instruir e divertir, não devemos evitar os autores difíceis, como forma de afastar uma preguiça mental que, se instalada, aumentaria e nos levaria para baixo.

Muito sabiamente, nos ensina FAGUET (1912) que, "de tempos em tempos, devemos ler, também, os maus autores, desde que o façamos com o devido discernimento, sem maldade, pois que tarefa bastante salutar". (FAGUET, 1912, p. 81). Assim nos alerta, pois que, como perigo há a possibilidade de se habituar a um grande orgulho e de

considerar-se infinitamente superior, o que é primeiramente muito desagradável, e, em seguida, torna-se pouco capaz de grandes coisas, pois é olhando para o alto que se faz esforço e que se tira de si tudo o que é possível tirar. Não há nada mais inútil do que passar grande parte da vida lendo maus escritores [...] para zombar deles. Vejo nisso uma pequenez de espírito. (FAGUET, 1912, p. 81)

Contudo, ao criticarmos um mau livro, o talvez o faríamos em uma efetiva catarse:

[...] arte de se libertar sem perigo de um sentimento que poderia causar mal, de se *purgar* de tal maneira que não fica em nós para nos torturar, ou que não se exerce de uma maneira má ou funesta. Segundo Aristóteles, purga-se do medo e da piedade experimentando-os, no teatro, através dos males de heróis imaginários, por meio dos quais não ficam em nós para nos assombrar. (FAGUET, 1912, p.82)

Seguinte a isso, FAGUET(1912) afirma poder serem os jovens divididos em três classes: "os que lerão instintivamente bons livros, os que lerão os maus ou vulgares ou muito medíocres, e os que não lerão nada". (FAGUET, 1912, p. 83). Afirma este, que os estudos dão o gosto pelo belo - àqueles tocados pela boa literatura, seja ela produção clássica ou contemporânea -, ou o horror ao belo - àqueles que, além de já trazerem em si o gérmen de tal aversão, o viram ser cultivado ao se sentirem profundamente aborrecidos durante a época escolar, como uma criança que, não gostando de um instrumento musical o fosse obrigada a aprender a tocar -, ou a indiferença com relação à literatura. Dentre os do segundo grupo, FAGUET(1912) ainda faz uma subdivisão:

[...] aqueles que só têm horror da bela literatura e aqueles que têm horror de qualquer literatura. Os primeiros formam o contingente de leitores de maus

autores, leitores de romances tolos, leitores de poetas excêntricos etc. (FAGUET, 1912, p. 84)

Em sua imensa contemporaneidade, FAGUET (1912) introduz o tópico sobre os inimigos da leitura, dizendo:

Chamo "inimigos da leitura" não as múltiplas coisas que nos impedem de ler, sendo preciso reconhecer que a maioria delas é excelente: estudos científicos, vida ativa, esportes etc. Está claro que nosso tempo não é e não pode ser o tempo dos leitores. O que os antigos chamavam [...] "umbratilis vita" quase não existe mais. Quase ninguém tem tempo de se colocar "na sombra" durante muitos dias para ler um livro. O livro agora só é lido pedaço por pedaço [...], isto é, mesmo quando é lido, não é lido de modo algum, já que a continuidade de uma leitura é necessária, não somente para julgar uma obra bem-feita, mas para compreendê-la. (FAGUET, 1912, p.87)

Assim sendo, estabelece como inimigos da leitura as tendências, inclinações e hábitos que impedem a boa leitura - ou seja, aquela útil, proveitosa e agradável: "o amor-próprio, a timidez, a paixão e o espírito de crítico" (FAGUET, 1912, p. 87). Mais a frente, em outro momento de completa lucidez e conexão aos tempos (muito) atuais, diz:

No fundo, muitos leitores perdoam apenas a escrita dos redatores notícias policiais (tradução nossa) nos jornais. Esses não têm a pretensão de inventar, nem na composição nem no estilo. Eles são úteis. Ensinam. Eis bons escritores [pois diz, antes que todos os autores são inimigos, já que capazes de zombar do leitor ou mesmo, de colocá-lo em uma posição de eterna inferioridade em valores ou qualidades]. Eles não se colocam no centro. Não se dão ares de superioridade. Não pedem admiração secretamente. Não excitam nenhuma inveja. Eis bons escritores. As sociedades decididamente democráticas não admitirão, sem dúvida, outros. (FAGUET, 1912, p. 90)

Como não aplaudir a capacidade de compreensão social e histórico-política do autor, que traz consigo a consciência madura de que o ideal de democracia seria apenas uma forma de se justificar a igualdade do que jamais será igual, impondo-se, com regularidade e normalidade, a mediocridade como o desejável e politicamente correto, ao invés do pensamento crítico e da efetiva produção artística. Completando seu raciocínio e provando ser exatamente isso o que sustenta, segue:

Na verdade, se não nos entendiássemos, nunca faríamos esse ato de abnegação e de humildade de abrir um livro. Nós nos contentaríamos com nossos pensamentos, estimando que valem tanto quanto todos aqueles que outra pessoa pode ter. A leitura é uma vitória do tédio sobre o amor-próprio. [...] A vida não é leitora, já que não é contemplativa. A ambição, o amor, a avareza, os ódios, especialmente os ódios políticos, os ciúmes, as rivalidades, as lutas locais, tudo o que faz a vida agitada e violenta, repele prodigiosamente a ideia de ler alguma coisa. [...] A terrível quantidade de tempo que os homens, sobretudo na França, desperdiçam sem nada dizer e a saborear as delícias da conversa seria suficiente para ler um volume por dia, mas impede que se leia um por ano. (FAGUET, 1912, p 90)

O outro obstáculo à leitura, afirma FAGUET (1912, p.92), seria a timidez, a qual, explica, faria com que leitores estivessem sempre 'atrasados', pois que esperando o público a elevar este ou aquele autor como de excelência - ou ainda, que, em sua morte assim o fosse considerado - , aí sim os experimentasse. Noutros termos, nos ensina que tais leitores careceriam de entusiasmo, ardor, fervor ou alegria ao descobri-lo por si mesmos.

Por último, elenca como **empecilho à leitura o espírito crítico**, entendido como:

[...] um exercício contínuo do espírito pelo qual o tornamos apto a compreender onde está o falso, o fraco, o medíocre, o ruim e a ser muito sensível ao falso, ao fraco, ao medíocre e ao ruim, graças ao qual somos igualmente sensíveis ao verdadeiro e ao belo e infinitamente mais do que se não tivéssemos feito esse exercício. (FAGUET, 1912, p.94)

A aclarar suas digressões, argumenta:

Ora, se é assim, você observa as coincidências entre as abordagens do leitor e do poeta? Elas são idênticas. O leitor deve se abandonar, em primeiro lugar, a uma simpatia instintiva ou desejada pelo autor; o poeta deve se abandonar, em primeiro lugar, a sua inspiração, a sua verve, a sua fé em si, a sua simpatia por si mesmo enquanto artista; o leitor deve, em seguida, se fazer crítico, raciocinar, comparar, julgar, discutir. O autor deve, em seguida, se fazer crítico, despertar o crítico que mora nele, examinar, comparar, raciocinar, discutir, julgar; o leitor deve, enfim, admirar, na medida do necessário, o que passou sucessivamente por sua simpatia e por sua crítica. O autor deve, enfim, aprovar e mesmo admirar, na medida do necessário, o que concebeu na fé e no amor, o que controlou e corrigiu em seguida com ajuda de seu senso crítico. Fé, crítica, admiração, três fases que são as mesmas (...) para chegar a uma plena admiração do verdadeiro ou do belo. (FAGUET, 1912, pp. 98-99)

Confirma-nos isso (FAGUET, 1912, pp. 100-101) ao trazer que há alegria em estar em desacordo com os demais. Que existe o prazer de ofender, de provocar, como instinto de luta em si. Que na política é bem conhecido o homem que está sempre em oposição, pois nada aprova e que está sempre em posição hostil, em constante desejo de descontentar, ficando feliz ao ver ao seu redor rostos irritados, em uma vontade de poder.

Sabidamente, conclui FAGUET (1912, p. 101) que tal espírito crítico serve, principalmente, ao homem honesto, que terá a chance de não cair nas armadilhas de um charlatão, que com grande habilidade consegue enganar o restante das pessoas. Servirá a que se faça rir a esse, ao invés das gargalhadas às quais são levados os demais, já conquistados e sob a posse do autor. O que, todavia, continua (FAGUET, ibidem), será possível de se o fazer ao final, quando possível sua declaração de admiração, concluída após devida análise crítica. Acrescentando a seu raciocínio, diz que isso não será apenas uma atividade racional, mas

também psíquica, de acordo com o temperamento do leitor, o que podemos ratificar pelos ensinamentos de Garrigou-Lagrange.

Em seu penúltimo capítulo, FAGUET (1912, pp. 103 e ss) fala sobre a leitura dos críticos, dizendo que os mesmos devem ser lidos juntamente aos bons autores, pois que, diz nosso autor, nós os buscamos, pois que nos fazem refletir, nos renovam as sensações e impressões, despertando em nós curiosidades de leitor, estejamos nós de acordo com esses ou não, instigando em nós novas leituras, abrindo novos horizontes e dando-nos horizontes novos. Tal tipo de autor se alterna pelas posições de amigo, dono de memórias, impulsivo, monótono, detentor de novidades, egocêntrico, excepcional, mas o qual sempre nos fará gostar dele de alguma forma, pois ele gosta daquele que o lê e lhe indica leituras, confidenciando-nos e recebendo-nos intelectualmente. Ele é o amigo que se tem - ou que, se inexistente -, ele substitui. Algo imensamente acertado, ao nosso ver, e imensamente recomendado àqueles que ainda não o entendem.

Os críticos literários nos ajudam a ler um autor sob determinado ponto de vista e em determinadas disposições de espírito. Justamente por isso, todavia, FAGUET nos diz ser importante primeiro dar uma oportunidade ao autor, conhecê-lo por si mesmo, sem ter os ouvidos preparados e o espírito quase formado por outra pessoa, permitindo-se ser tocado diretamente, obtendo-se, somente então, um ganho considerável (FAGUET, 1912, p104).

Diametralmente opostos estão os historiadores literários, que não devem ser dogmáticos nem agir segundo as emoções que tiveram ao ler, e sim, indicar o espírito geral de um tempo conforme o que sabe da história propriamente dita, reunindo informações sobre quem o autor teria agradado ou gerado repulsa, dentro de quais circunstâncias - pessoais, locais, domésticas, nacionais -, sem que se confundam o papel de historiador e de crítico literários, exatamente o contrário do que ocorria - e, ao nosso ver, tende a ocorrer ainda com mais força nos dias atuais (FAGUET, 1912, p.105-106). Por serem responsáveis por toda uma contextualização histórico-social - diga-se, neutra-, devem ser lidos antes do autor em si, de forma a nos levar para mais próximo do autor e seu mundo.

Voltando-se aos críticos literários, nos ensina FAGUET (1912), seriam eles - se críticos autorizados - o caminho mais curto para se reler (frisamos, reler) um autor, pois que, além de nos explicarem o que pensam os autores, nos darão citações que nos permitirão ter ainda, o melhor daquele autor. Eles servem a uma reação deliciosa ou dolorosa à alma, fazendo com que nos reencontremos com nossas impressões sobre o autor - ou oposto.

FAGUET (1912, pp 111-112), em sua didática prática, nos dá um exemplo concreto de tudo isso, por experiência própria. Nos conta que, em seus tempos escolares, sem que tenha tido acesso a determinados autores, que seus professores lhes davam trabalhos para que, baseados em algumas ínfimas explicações de lugar-comum de moral ou literatura de seus professores - algumas até de cunho anedótico - traçassem pequenos retratos de grandes autores. Por saberem um pouco mais de história do que de literatura, conta-nos FAGUET (1912), eram capazes de discorrer mais sobre essa do que sobre os autores propriamente ditos. Que por volta de 1880, por se reconhecer tal método de ensino inútil, instaurou-se um novo: que colocava os críticos nas mãos dos estudantes de literatura, carregando-lhes de crítica prévia à leitura - exatamente o que se faz atualmente, pois que jamais indicadas as obras ao início do curso para que os estudantes as tenham previamente, as degustem de antemão, e sim, se submetam apenas às leituras direcionadas, por apostilas e materiais didáticos, sobre os autores a serem trabalhados. Isto, o que teria gerado um resultado ainda pior (FAGUET, 1912, p.112)

Como solução a este impasse, nos dá FAGUET (1912, p.112-114) a saída: sob pena de ser tal tentativa algo "tão limitado que se reduziria a quase nada", deveria-se deixar que o aluno efetivamente lesse - ao menos os grandes autores - determinado autor e que dissesse depois o que veio a pensar do mesmo. Pois que, continua FAGUET (ibidem):

[...] há o professor que busca apenas harmonizar todos os seus alunos com um tipo estabelecido de bom senso, de retidão de espírito e de bom gosto. É o professor comum.[...] Há também o professor que, por cuidado, certamente muito louvável, de buscar a personalidade e de fazê-la nascer, com uma boa vontade tocante, toma por marcas de personalidade ainda hesitantes, que podem vir a compor uma, simples sinais de estranheza ou uma simples brincadeira maliciosa[...] esse hábito de ler, quase conjuntamente, quase misturados, os textos e os críticos, sobretudo o de ler os críticos e não os autores, perca-o totalmente, perca-o energeticamente[...]. Esse hábito é funesto em si. Ele cria idiotas. Ele torna, nas coisas literárias, homens parecidos àqueles que, na política, recitam os artigos de seu jornal. Ele cria

homens-reflexos. Ele cria homens que são luas. Não se deve aspirar a ser um sol, mas não é preciso ser como a lua.

Há duas educações: a primeira que se recebe no liceu, a segunda que se dá a si mesmo. A primeira é indispensável, mas a segunda é que vale.[...]
(FAGUET, 1912, 114)

Difícil é não concordar com o autor, pois que, ao termos consciência não apenas da escassez de tempo para que, em sala de aula, os professores consigam lecionar todo o conteúdo programático esperado, mais difícil ainda é encontrar aqueles professores que, apesar de muitos títulos e anos de leitura, pouco ou nada acrescentam ao conhecimento dos estudantes, seja por falta de empatia, didática ou embasamento teórico, fático ou histórico. Estes, por seu trabalho, criam meros repetidores de discursos, ao invés de indivíduos capazes de pensar por si próprios, de entenderem seu presente e seu passado, literário ou não, por suas próprias ideias e conclusões, que venham a mudar num futuro, mas que as construam por próprio esforço e labor, e as sustentem com individualidade e dignidade, sem que sejam por isso, rechaçados ou submetidos a uma ditadura intelectual, na qual todos devem pensar e agir de forma igual.

Em seu último capítulo, FAGUET (1912, p.115) nos brinda com três bons motivos para que façamos releituras. Como o primeiro, afirma ser a releitura o melhor jeito de compreendermos algo, ou mesmo, identificarmos coisas que nos passaram despercebidos aos olhos ou, ainda, mudar nossa ideia sobre o que lemos ou sobre determinado autor. Mais profundamente, nos ensina o autor que devemos reler controlando nossos arrependimentos, sem nos deixar levar muito pelo prazer da descoberta, nem pelo remorso ou pela provocação de si mesmo, evitando-se o auto-rótulo de imbecil (FAGUET, 1912, p.116).

Aqui, rendo junto ao autor *supra*, o seguinte elogio aos professores de literatura: são pessoas muito inteligentes - ainda que alguns o sejam apenas no que concerne ao mundo das letras. Mais, como professores, seja de literatura ou outra matéria, pode-se ver que os mesmos são obrigados a ler e a reler tudo o que ensinam. Todavia, uns o farão sempre da mesma forma, sem encontrar novas impressões, o que lhes tirará, conseqüentemente, a graça de viver. Outros, buscando tais novas impressões, chegam a inventar sentidos inesperados ou intenções que não se pode dizer que o autor tenha tido (FAGUET, *ibidem*). Chama a atenção, ainda,

FAGUET (1912) ao perigo da excessiva releitura, em especial, de apenas um livro ou poucos outros.

Exatamente o que ratifica o FAGUET (1912, pp.123) em seu epílogo, ao afirmar que a arte de ler é a arte de pensar com um pouco de ajuda, e complementa:

É mais fácil se tornar um tolo por um livro tolo do que se tornar inteligente ou servir-se de sua inteligência dada a forma com que o lê. O livro tolo se impõe, sendo frequentemente saboreado por uma multidão de pessoas cujo número impressiona, e você não sabe discuti-lo com a plena liberdade de espírito [...]. Em suma, o livro nem sempre é um benfeitor. [...] Em certo grau de violência, impede toda a ação, se opõe a todo emprego energético da vida. O livro é uma planta com propriedades maravilhosas que impede os homens de se tornarem idiotas[...] Mas é um lótus, também, que parece um alimento tão delicioso que se deve usar de violência para arrancar da região onde cresce, para nos fazer entrar nos nossos navios e nos obrigar a remar. (FAGUET, 1912, pp.124-125)

Noutros termos, nos diz o autor em questão que a leitura é uma arte, através da qual se possa ela abandonar, e que, por tal, envolve perigos, paixões, requerendo, por isso, cautela, e encerra sua linda obra com a conclusão de que, ao bem ler, "colhemos as mais belas ideias, as mais belas histórias, os mais belos diálogos que tenham germinado no espírito humano", pois ler, em latim, significa "ler" - ou "colher".

Considerações Finais

Perguntariam-nos, portanto, a este ponto, qual a utilidade e razão das minúcias acima elencadas. Respondemos: pelo fato de serem os indivíduos seres sedentos de sabedoria por natureza, mas que, por força de uma cultura moderno-progressista que deixa de valorizar a leitura - ou seja, a construção gradual do pensamento - para impor conceitos e ideologias prontas e definidas extirpa dos indivíduos essa inata busca incessante pela verdade, relegando-os à postura de um animal bruto que apenas repete o que já aprendeu, sendo uma única norma aceita pelos dominantes, sob pena de ser o discordante punido física ou socialmente. Que também por força do impulso modernista, vê-se o empenho de muitos em afastar a necessidade de esmero no aprendizado da gramática e de toda uma gama de vocabulário, empobrecendo os recursos linguísticos dos indivíduos - em especial os jovens -, privando-os de uma possível expansão de seu conhecimento, levando-os a enxergar como complexo o processo de leitura e aprendizado, fazendo destes mesmos jovens seres menos

capazes de serem os protagonistas da construção do próprio conhecimento - um chavão muito utilizado pelos mesmos defensores das teorias progressistas-modernistas do ensino, que defendem com unhas e dentes a necessidade de que seja reduzida a importância dada à língua culta em benefício à produção de uma linguagem oral ou informal. Ao deixar de lado a correteude, a retórica e as análises da alma, os indivíduos tornam-se cada vez mais alienados e, por tal, massificados - arriscamos, globalizados.

Assim, sem o estímulo inicial à leitura, jovens deixarão de buscá-la para, assim como adultos de seu tempo, indulgenciar apenas seus desejos mais básicos, em uma eterna busca pelo prazer sem um fim maior ou último. Nada mais atual. Por tudo isso, o caminho primordial a ser ensinado é o que parte da ampla e irrestrita leitura, dos mais diversos gêneros - de livros, esculturas, pinturas, arquitetura ou música - para uma análise crítica, jamais a sua restrição ou, ainda, do oferecimento de críticas prontas sobre quaisquer obras, pois que apenas o primeiro caminho permitiria a construção do conhecimento, vindo o inverso apenas a afastar a capacidade de pensamento lógico ou analítico. Mais, ousamos, é permiti-la junto ao ensino e à observação da boa pontuação, de modo que não apenas o autor seja capaz de se expressar, mas também, de se fazer (bem) entender, ainda que com sutilezas, e que ao leitor seja possibilitado isso reproduzir.

Metodologia

O presente trabalho foi elaborado exclusivamente através de consulta bibliográfica.

Agradecimentos

Agradeço à pessoa que me inspira todos os dias, que me carrega no colo da sua alma, e que me impulsiona sempre a tentar ser cada vez melhor: minha Mãe terrena, Nelma.

Referências

BRUYÈRE, Jean. **Les Caractères - Des Homme**, 1645.

FAGUET, Émile. **A Arte de Ler**. Campinas: ed. Kryon, 2021. → única bibliografia básica, podendo outras serem utilizadas para sustentar argumentos de Faguet

LAGRANGE, Reginald Garrigou. **As Três Idades da Vida Interior**. São Paulo: Cultor de Livros, 2021.

MONTAIGNE, Michel. **Ensaíos**. São Paulo: Editora 34, 2016.

ROTerdã, Erasmo. **A Educação Liberal - De pueris statim ac liberaliter instituendis, De ratione studii, Colloquim abbatis et eruditae**. Campinas: CEDET, 2020, 1a. edição.

VITOR, Hugo de S. **Didascalion: Sobre a Arte de Ler**. Campinas: Kryon, 2018.

